

O trabalho das mulheres camponesas feirantes diante da conjuntura das feiras livres em União da Vitória-PR e Porto União-SC

Ana Maria Braciak¹

Resumo: Esta pesquisa, que é parte do processo de construção da dissertação de mestrado, tem como propósito analisar o trabalho das mulheres camponesas feirantes nas feiras dos municípios de União da Vitória-PR e Porto União-SC. Com base nas geografias feministas, buscamos compreender a interseção entre o sistema patriarcal capitalista e a inserção das mulheres nesses espaços, evidenciando sua ampla exploração para a sustentação desse modelo. Para compreender as dinâmicas de gênero nas feiras, é essencial considerar que, historicamente, as feiras desempenharam papéis fundamentais na ocupação, no crescimento e na consolidação de diversas cidades no Brasil e no mundo, incluindo os municípios em questão. Para atingir nosso objetivo, a pesquisa adota uma metodologia que envolve revisão bibliográfica, análise documental, visitas às feiras e a realização de 40 questionários quantitativos estruturados com mulheres e homens feirantes que se dispuseram a respondê-lo. Os resultados indicam que as feiras livres se configuram como espaços contra-hegemônicos de comercialização de alimentos mais frescos e saudáveis, com cadeias produtivas e comerciais reduzidas, beneficiando tanto as feirantes e os feirantes quanto as e os consumidores. A análise do trabalho das mulheres, eixo central deste artigo, revela que são as mulheres as responsáveis pela grande diversidade de produtos existentes nas feiras livres. No entanto, a participação feminina nas feiras permite sua inserção na esfera produtiva, ainda que sob a sobrecarga de múltiplas jornadas, acumulando responsabilidades tanto na feira quanto no ambiente.

Palavras-chave: Feiras livres; Mulheres camponesas feirantes; Geografias feministas.

The work of peasant women market vendors in the context of open-air markets in União da Vitória-PR and Porto União-SC

Abstract: This research, as part of a master's thesis, aims to analyze the work of peasant women vendors at the markets in the municipalities of União da Vitória-PR and Porto União-SC. Based on feminist geographies, we seek to understand the intersection of the capitalist patriarchal system and the integration of women into these spaces, highlighting their extensive exploitation to sustain this model. To understand the gender dynamics within the markets, it is essential to consider that, historically, markets have played a fundamental role in the occupation, growth, and consolidation of various cities in Brazil and around the world, including the municipalities in question. To achieve our objective, the research adopts a methodology that includes a literature review, document analysis, visits to the markets, and the application of 40 structured quantitative questionnaires with women and men vendors who agreed to participate. The results indicate that the open markets constitute counter-hegemonic spaces for the commercialization of fresher and healthier foods, with shortened production and commercial chains, benefiting both the vendors and the consumers. The analysis of women's work, the central axis of this article, reveals that women are responsible for the wide variety of products found in open markets. However, women's participation in these markets allows them to enter the productive sphere, albeit while bearing the burden of multiple roles, balancing responsibilities both at the market and at home.

Keywords: Open markets; Peasant women vendors; Feminist geographies.

¹Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Geografia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão-PR. E-mail: sbbraciakana@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-5071-1762>.

El trabajo de las vendedoras campesinas en el contexto de los mercados al aire libre en União da Vitória-PR y Porto União-SC

Resumen: Esta investigación, como parte del proceso de construcción de la tesis de maestría, tiene como propósito analizar el trabajo de las mujeres campesinas feriantes en los mercados de los municipios de União da Vitória-PR y Porto União-SC. Con base en las geografías feministas, buscamos comprender la intersección entre el sistema patriarcal capitalista y la integración de las mujeres en estos espacios, destacando su amplia explotación para sostener este modelo. Para entender las dinámicas de género en los mercados, es esencial considerar que, históricamente, los mercados han desempeñado roles fundamentales en la ocupación, el crecimiento y la consolidación de diversas ciudades en Brasil y en el mundo, incluyendo los municipios en cuestión. Para alcanzar nuestro objetivo, la investigación adopta una metodología que incluye revisión bibliográfica, análisis documental, visitas a los mercados y la realización de 40 cuestionarios cuantitativos estructurados con mujeres y hombres feriantes que aceptaron responderlos. Los resultados indican que los mercados al aire libre se configuran como espacios contrahegemónicos de comercialización de alimentos más frescos y saludables, con cadenas productivas y comerciales más reducidas, beneficiando tanto a los feriantes como a los consumidores. El análisis del trabajo de las mujeres, eje central de este artículo, revela que son las mujeres las responsables de la gran diversidad de productos existentes en los mercados al aire libre. Sin embargo, la participación femenina en los mercados permite su inserción en la esfera productiva, aunque bajo la carga de múltiples jornadas, acumulando responsabilidades tanto en el mercado como en el hogar.

Palabras clave: Mercados al aire libre; Mujeres campesinas feriantes; Geografías feministas.

Introdução

Por meio do trabalho os seres humanos se organizam, se relacionam e constroem o espaço. O trabalho, por sua vez, é um dos pilares da condição de vida humana, pois é por meio dele que se garante as condições necessárias à sobrevivência. Segundo Marx, “Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza [...]. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza” (Marx, 1983, p. 157).

No contexto da sociedade capitalista, o trabalho tem como princípio a produção de mercadorias e é por meio dele que homens e mulheres são explorados por meio da extração do trabalho não pago, quando então se realiza a acumulação capitalista. Essa exploração acontece de forma desigual entre as diferentes classes sociais, gênero e raça.

Nesse sentido, é importante ressaltar que “além do reconhecimento das explorações com base nas classes sociais, destacamos também a exploração hierárquica de dominação do grupo de homens (independente da classe social) sobre as mulheres” (Schmitz; Santos, 2013, p. 3), que acontece a partir do domínio social patriarcal que atravessa a estrutura da sociedade capitalista.

Nessa perspectiva, o feminismo, e sobretudo, as geografias feministas têm se preocupado em problematizar sobre a invisibilização/desvalorização do trabalho de mulheres na esfera reprodutiva. O trabalho doméstico e de cuidado não remunerado na lógica capitalista, oculta na esfera do não visível, a vida de milhares de mulheres que se dedicam a manter as tarefas reprodutivas, que por sua vez, sustentam o sistema patriarcal e capitalista (Federici, 2021). Sendo assim, acreditamos ser necessário iniciar o debate situando o conceito de gênero que tem sido amplamente discutido nas últimas décadas, principalmente após 1970. Scott (1990, p. 14), afirma que gênero “é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos, e, gênero é a maneira primordial de significar relações de poder”. Segundo a autora, a palavra gênero foi criada para caracterizar a relação entre os indivíduos, levando em consideração a diferença de ser homem e de ser mulher na sociedade, bem como esse fator biológico reflete nas relações sociais, estabelecendo relações de poder, de hierarquia e de submissão.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa, que é parte da dissertação de mestrado, tem como o objetivo compreender a conjuntura da organização do trabalho das mulheres no contexto das feiras livres dos municípios de União da Vitória-PR e Porto União-SC e a atuação delas diante da diversidade produtiva das feiras nos referidos municípios. Historicamente, as feiras livres exerceram papéis importantes na ocupação, expansão e consolidação de diversas cidades no Brasil e no mundo, incluindo os dois municípios de nosso recorte de estudo.

Sendo assim, pretende-se estudar a dinâmica espacial das feiras livres nos municípios supracitados, destacando as feiras centrais e os pontos de comercialização descentralizados, enquanto elementos contra-hegemônicos e que são símbolo da resistência camponesa diante do avanço do capitalismo e de uma lógica hegemônica de produção e de comercialização. Ressalta-se a importância das feiras porque fomentam a economia local, contribuem significativamente para a soberania alimentar, sobretudo por se estabelecerem a partir do circuito curto de comercialização.

Outrossim, a partir de revisão bibliográfica, buscamos compreender a organização do trabalho das mulheres no contexto das feiras livres, sendo elas responsáveis pela grande diversidade de produtos do gênero alimentício, artesanato e outros produtos encontrados nas feiras, a partir de uma análise das geografias feministas, embasada nas discussões de Maria Franco Garcia, Maria Ignez Silveira Paulilo e Joan Wallach Scott; para a conceituação das feiras livres nossa referência é a Leny Sato.

As geografias feministas, por sua vez, nos auxiliam a compreender a lógica estrutural da sociedade patriarcal que invisibiliza mulheres na esfera social, do trabalho e na vida em geral, incluindo a própria ciência geográfica que sempre foi pensada por homens e para atendê-los. Na dinâmica das feiras livres em União da Vitória-PR e Porto União-SC, municípios conurbados que possuem juntos cerca de 90 mil habitantes e fazem divisa dos estados do Paraná e Santa Catarina, é possível notar que há o protagonismo de mulheres tanto no processo de produção para os produtos da feira, quanto na comercialização destes nas feiras livres.

Além disso, a partir das visitas às feiras e aplicação de questionários de caráter quantitativo, é possível concluir que as mulheres são responsáveis por produzir a diversidade de alimentos que encontramos nas feiras livres. Para a realização dos questionários, que é parte de nossa pesquisa do mestrado, entrevistamos 40 feirantes entre os meses de fevereiro e julho de 2024, sendo 26 mulheres e 14 homens. A partir do questionário é possível concluir que as mulheres são em grande medida, responsáveis pela organização e ocorrência das feiras livres em União da Vitória-PR e Porto União-SC, sendo mantenedoras da grande diversidade de produtos comercializados na feira, contribuindo significativamente para a soberania alimentar da região.

Os arranjos espaciais: feiras livres em União da Vitória e Porto União

Para a realização do nosso estudo, é feito o recorte geográfico da ocorrência das feiras livres em União da Vitória-PR e Porto União-SC, municípios com área urbana conurbada e limites definidos pelo traçado da linha férrea e pelo Rio Iguaçu, que também define a divisa do estado do Paraná com Santa Catarina, conforme expresso no mapa da figura 1.

União da Vitória-PR possui uma população de 55.033 habitantes, de acordo com o último censo realizado em 2022, enquanto Porto União conta com 32.970 habitantes. Em termos econômicos, União da Vitória-PR destaca-se pela sua diversificada economia. Em 2021, o PIB per capita do município alcançou R\$ 33.607,71. Em comparação com outros municípios do estado, União da Vitória-PR ocupava a 246ª posição entre 399 municípios e a 1838ª posição entre os 5570 municípios brasileiros, conforme dados do IBGE. A base industrial do município é a madeireira.

Por outro lado, Porto União registrou um PIB per capita de R\$ 32.220,81 em 2021. Em termos comparativos dentro do estado, o município ocupava a 239ª posição entre 295 municípios e a 1967ª posição entre todos os 5570 municípios brasileiros. Economicamente,

Porto União destaca-se pela sua forte presença no setor agropecuário, com produção significativa de grãos como soja e milho, além de atividades pecuárias de corte e leiteira. A indústria, especialmente nas áreas de móveis e madeireiras, também desempenha um papel crucial na economia local, aproveitando os recursos naturais disponíveis na região.

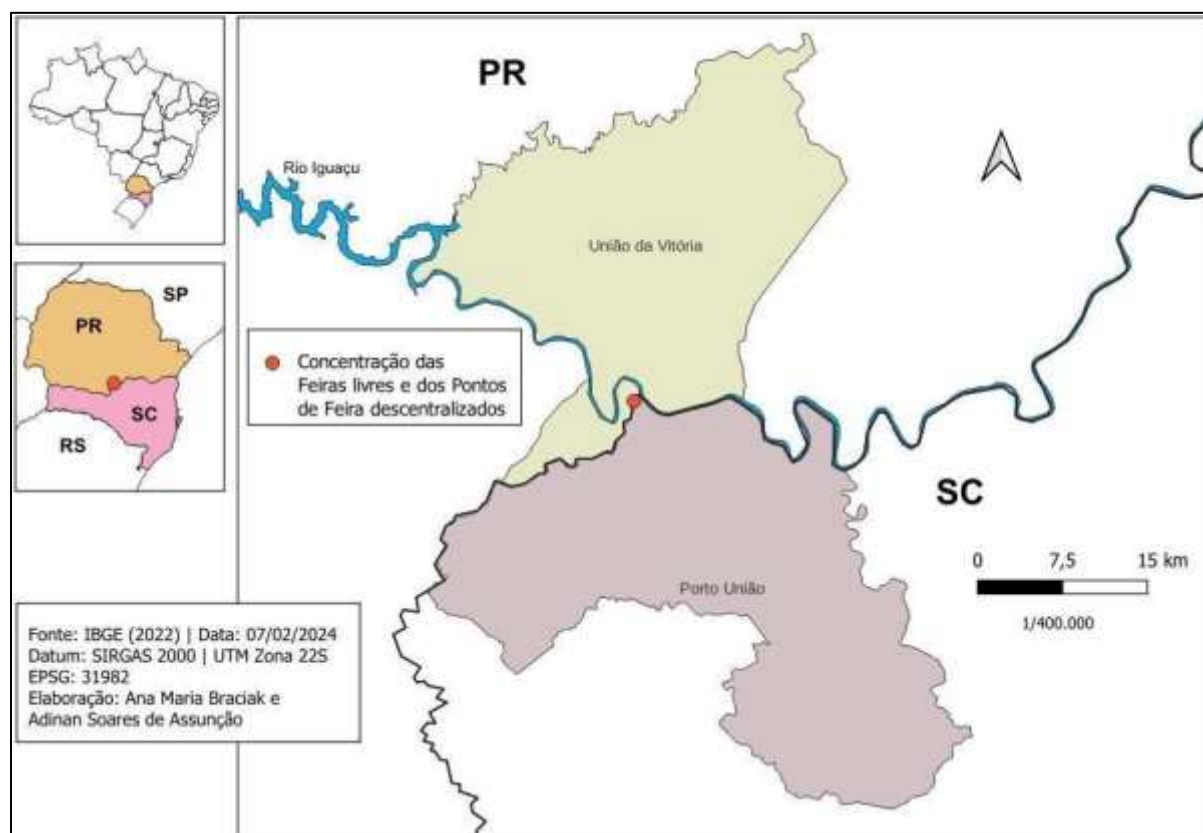


Figura 01: Localização dos municípios de União da Vitória e Porto União e concentração das feiras livres

Fonte: IBGE, 2022.

A escolha do recorte espacial para esta pesquisa ocorre em torno da dinâmica espacial e das relações sociais, econômicas e políticas que os sujeitos estabelecem entre ambos os municípios. No caso da feira, por exemplo, é comum que a(o) produtora/produzidor feirante resida e produza seus produtos no município de Porto União-SC e comercialize no município de União da Vitória-PR ou vice-versa. Para todas as demais atividades, há a possibilidade dessa dinâmica de interação e integração entre ambos os municípios.

Atualmente, as feiras livres destes municípios acontecem em dias da semana alternados e em diferentes espaços. Alguns locais centralizam as barracas no Terminal Rodoviário de Porto União e ao lado do Batalhão do Corpo de Bombeiros de União da Vitória, e outros espaços são descentralizados, aproximando a comercialização de produtos da feira às áreas

periféricas das cidades. Os produtos comercializados na feira, são, em grande medida, oriundos da agricultura familiar e campesinato, cultivados por produtores agrícolas, destes municípios e de outros na redondeza, que podem ser ou não feirantes.

A imagem a seguir (Figura 2) ilustra o espaço central da feira em União da Vitória-PR que acontece aos sábados pela manhã e quartas-feiras à noite.



Figura 2: Feira central de União da Vitória-PR

Fonte: Trabalho de campo da autora (2024).

As feiras livres são um importante espaço de comercialização de produtos agrícolas saudáveis e expressam a diversidade do campo no espaço urbano, assim como argumenta Silva *et al.* (2014, p. 211) “as feiras representam uma boa iniciativa do ponto de vista do desenvolvimento local e regional, contribuindo com a diversificação e a melhoria na oferta de alimentos”. Neste sentido, são responsáveis pela conjuntura de inter-relações entre campo e cidade, além de configurarem resistência contra o modelo agrícola agroexportador, sobretudo o agronegócio.

Nas feiras dos municípios estudados, são comercializados muitos produtos de diversos gênero alimentício, como hortaliças e frutas de época, pães e massas, carnes e embutidos, geleias, conservas, doces, artesanatos, mel, leite e derivados, entre outros tantos produtos. Salvo poucos casos de exceção, os produtos de feira são produzidos por feirantes que residem no campo ou na cidade e se dedicam à produção dos produtos da feira, ou seja, há poucos casos

de atravessadores no contexto de feira. Esse fator auxilia os consumidores a requerer informações sobre a procedência dos produtos.

Um pouco dessa diversidade de produtos é apresentada na figura 3.



Figura 3: Mosaico de fotos que retratam a diversidade da feira em União da Vitória e Porto União

Fonte: Trabalho de campo da autora (2024).

No decorrer das entrevistas, realizou-se um levantamento de dados sobre os produtos comercializados nas feiras. Das (os) 40 pessoas que responderam ao questionário, 24 produzem produtos de horta, 26 produzem a categoria de outros produtos agroindustriais que compreende as geleias, conservas e doces, entre outras categorias, conforme apontado na tabela 1.

Tabela 01: Categoria de produtos produzidos e comercializados por cada feirante

Entrevistada (o)	Produtos de horta	Frutas	Pães e Massas	Carnes e embutidos	Leite e derivados	Plantas e ervas medicinais	Artesanato	Outros produtos agroindustriais	Produtos alimentícios de consumo imediato
1	X	X	X	X	X			X	
2	X	X		X				X	
3	X	X			X	X			
4									X
5							X	X	
6				X					X
7	X	X	X	X	X			X	
8	X	X							
9			X	X	X			X	

10	X	X				X	X	X	
11	X	X	X	X		X	X	X	
12	X	X	X			X		X	X
13	X	X		X	X	X		X	
14						X		X	
15	X	X	X	X				X	
16								X	
17	X	X				X			
18	X	X	X		X	X		X	
19	X	X	X		X			X	
20	X						X	X	
21	X				X				
22	X	X	X	X	X	X		X	
23	X	X		X	X			X	
24			X				X	X	
25	X	X	X	X	X	X	X	X	
26		X							
27						X	X		
28			X		X				
29	X	X		X				X	
30	X	X	X	X	X		X	X	
31	X	X				X		X	
32	X	X							
33			X					X	X
34	X		X			X	X	X	
35	X	X	X	X					X
36			X						
37			X					X	X
38			X			X			
39								X	
40	X	X	X		X			X	
Total	25	23	20	14	14	14	9	27	6

Fonte: Trabalho de campo da autora (2024).

Buscou-se ressaltar, no decorrer da pesquisa, que a feira é construída em grande medida, por mulheres. Sobretudo, no que diz respeito à diversidade de produtos que são comercializados nas feiras. Para pensar nessa perspectiva, detalhamos alguns elementos importantes do trabalho na feira a partir da divisão sexual do trabalho.

O trabalho das mulheres diante da diversidade de produtos da feira

Ambos os municípios possuem população, em sua maioria, descendentes de alemães, italianos, poloneses e ucranianos que preservam o modo “conservador” de vida, que reflete diretamente na organização e dinâmica das feiras livres.

E nesse espaço de feira, percebemos inúmeras relações de gênero, pois entendemos que a feira, assim como as demais áreas da sociedade são constituídas nos moldes do sistema patriarcal, que eleva o homem a uma condição de superioridade em relação às mulheres.

Além do patriarcado, é importante citar que estamos inseridas(os) no sistema capitalista de produção, responsável pela intensa exploração humana e da natureza. Para Schmitz e Santos (2013):

O capitalismo e o patriarcado exploram o trabalho das mulheres, portanto as mulheres são duas vezes exploradas no mesmo espaço social, no trabalho, na família, na vida cotidiana. No caso das mulheres agricultoras, a exploração vem de duas dimensões, são exploradas no trabalho agrícola, quando na hora da venda do produto seu trabalho não é contabilizado no preço final e também no trabalho não remunerado que fica na maior parte das vezes sob sua responsabilidade – trabalho doméstico, alimentação da família, cuidado com idosos, doentes e crianças, entre outros (p. 31).

Às mulheres, portanto, são atribuídas tripla jornada de trabalho, devido a sua inserção no mercado, a sobrecarga do trabalho doméstico e o trabalho de cuidado. Sendo assim, esse sistema de opressão tem se intensificado pelo avanço do capitalismo e da perpetuação do patriarcado. É nesse contexto que surge o debate das feiras livres na ótica da divisão sexual do trabalho.

Hirata e Kergoat (2007), afirmam que para compreendermos a divisão sexual do trabalho, precisamos primeiramente incluir um novo conceito de trabalho que inclua as mulheres e o trabalho doméstico. No contexto da feira, é possível observar, durante as falas nas entrevistas, que na maioria esmagadora, são as mulheres as responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidado.

Na obra *O peso do trabalho leve*, de 1987, Paulilo escreve sobre o trabalho considerado “leve” ou “ajuda” das mulheres em comunidades rurais, que acarreta na desvalorização e apropriação por parte do capital, dessa parcela de trabalho. A autora afirma que mulheres têm recebido remuneração inferior pelo trabalho produtivo, por considerar-se que desenvolvem trabalhos mais leves se comparado ao trabalho dos homens. Além disso, justifica-se a menor remuneração, pelo fato de que as mulheres cuidam dos filhos, e dispensam menos horas ao trabalho produtivo.

Segundo Paulilo (2004), o capitalismo foi responsável por dissociar o trabalho doméstico do trabalho produtivo e foi a partir dele que ocorreu essa distinção hierárquica entre as esferas pública e privada.

O capitalismo fez mais do que separar os meios de produção do trabalho e o espaço doméstico do espaço de produção. Foi a primeira vez na história que se tentou subordinar a sociedade ao mercado. Os princípios da antiga ordem social foram substituídos pelo princípio da permuta ou troca, cujo padrão subjacente era o padrão de mercado. E assim o único esforço físico ou mental que passou a merecer o nome de trabalho produtivo e a ser remunerado foi o despendido nas atividades consideradas econômicas [...] (Paulilo, 2004, p. 243-4).

Sendo assim, reforçamos o objetivo de nossa pesquisa que é entender as relações de trabalho e gênero no contexto das feiras livres, que são espaços permeados por inúmeras relações sociais, econômicas, políticas, culturais e sobretudo, de trabalho.

Nesse contexto, consideramos importante debater e problematizar as relações de trabalho a partir das feiras livres em União da Vitória-PR e Porto União-SC. Para isso, apresentamos algumas pesquisas que já problematizam aspectos da divisão sexual do trabalho nas feiras livres nos referidos municípios, como a pesquisa de conclusão de curso que foi elaborado em 2018 e o trabalho de conclusão de curso da Flávia Schena Rotta. A partir disso, elencamos discussões de autoras que problematizam a divisão sexual do trabalho em outros espaços como a Maria Franco Garcia com os artigos “Negócio e campesinato: uma estratégia de reprodução social” e “O segundo sexo do comércio: camponesas e negócio no Nordeste do Brasil”, e sobretudo, a dissertação de mestrado da Sharlene Souza Prata “Relações sociais de gênero e divisão sexual do trabalho: um estudo da informalidade na feira das trocas em Aracaju” que discute as desigualdades de gênero e a divisão sexual do trabalho nas feiras de Aracaju.

Com base nas atividades que têm sido desenvolvidas no âmbito das feiras livres, é possível observar que as mulheres são protagonistas nas bancas de feira, principalmente naquelas que possuem muita variedade de produtos, como hortaliças, panificados, geleias, artesanatos, leite e derivados, entre outros produtos. Mais de 90% dos produtos agroindustriais, como geleias, doces, caldas e conservas comercializados na feira são produzidos por mulheres (Trabalho de campo, 2024).

Além do trabalho de produção e venda dos produtos, as mulheres são responsáveis por trazer os mais diversos produtos para a comercialização da feira, como as flores. A figura 4 retrata parte da banca de uma feirante na feira central de Porto União.



Figura 04: Banca de feira com as flores em Porto União
Fonte: Trabalho de campo da autora (2024).

Durante a aplicação dos questionários, foi comum ouvir as mulheres afirmarem que os maridos, companheiros ou filhos homens “ajudam” no processo de produção dos produtos da feira. É comum afirmarem que eles arrumam os canteiros, plantam hortaliças, auxiliam na colheita, às vezes comparecem à feira, mas que são elas quem se sentem responsáveis pela produção e comercialização dos produtos.

Além disso, é comum escutar das feirantes que elas são responsáveis pela iniciativa do trabalho diante das feiras, sendo elas as responsáveis por buscar inserção neste ambiente, apesar de muitas ainda possuírem dificuldade para a realização da logística da feira, por falta da carteira de habilitação.

Essas relações ficam visíveis nos números que coletamos durante a aplicação dos 40 questionários. Questionamos as entrevistas (os) feirantes sobre os produtos que comercializam por categorias e quem se empenha no processo de produção desses produtos.

Quanto aos produtos de horta, consideramos a partir dos questionários que, dos 40 aplicados, 08 mulheres afirmam realizar sozinhas as atividades que permeiam essa categoria de produtos, enquanto 4 homens afirmam realizar sozinhos esta atividade. Dos entrevistados homens, 3 afirmam que a cônjuge realiza essa atividade enquanto elas afirmam que 2 cônjuges

que as realizam. Das entrevistadas, apenas uma mulher afirma que realiza os trabalhos de horta com o cônjuge, conforme representamos na tabela a seguir:

Tabela 02: Tabulação cruzada: Quem produz os produtos de horta X Gênero

		Gênero		Total
		Feminino	Masculino	
Quem produz os produtos de horta	A(o) própria(o)	8	4	12
	A(o) cônjuge	2	3	5
	A(o) própria(o) e a(o) cônjuge	1	0	1
	A ou as filhas	2	1	3
	Filhos e filhas	1	1	2
	Outro parente.	0	1	1
	Não se aplica	12	4	16
Total		26	14	40

Fonte: Trabalho de campo da autora, 2024.

Os valores referentes a linha “não se aplica” se referem ao número de questionários aplicados que não produzem/não comercializam produtos de horta, ou a categoria de produtos elencada na tabela.

Já em relação ao cruzamento das informações sobre o gênero de quem produz frutas, é possível perceber que há uma equiparação entre os números de homens e mulheres e inclusive, há o mesmo número (3) destes para as respostas que admitiam o cônjuge como produtor ou produtora das frutas. A tabela a seguir exemplifica a situação mencionada:

Tabela 03: Tabulação cruzada: Quem produz as frutas X Gênero

		Gênero		Total
		Feminino	Masculino	
Quem produz as frutas	A(o) própria(o)	4	4	8
	A(o) cônjuge	3	3	6
	A(o) própria(o) e a(o) cônjuge	3	1	4
	A ou as filhas	2	0	2
	Filhos e filhas	1	0	1
	Outro parente	0	1	1
	Não se aplica	13	5	18
Total		26	14	40

Fonte: Trabalho de campo da autora, 2024.

O contexto de produção das massas e pães é outro. A tabela a seguir apresenta os dados que coletamos com os questionários e assim como nas entrevistas qualitativas, é possível perceber que trabalhar com panificados e massas “é trabalho de mulher”.

Tabela 04: Tabulação cruzada: Quem produz pães e massas X Gênero

		Gênero		Total
		Feminino	Masculino	
Quem produz pães e massas	A(o) própria(o)	13	0	13
	A(o) cônjuge	0	2	2
	A(o) própria(o) e a(o) cônjuge	2	0	2
	A ou as filhas	1	0	1
	Filhos e filhas	1	0	1
	Não sabe/ não opinou	1	0	1
	Não se aplica	10	10	20
Total		26	14	40

Fonte: Trabalho de campo da autora, 2024.

Conforme a tabela apresentada anteriormente, percebe-se que não há homens que responderam ao questionário que produzem os alimentos comercializados na feira da categoria pães e massas. Das mulheres questionadas na pesquisa quantitativa, 13 afirmam que são elas mesmas que produzem essa categoria e duas afirmam que os homens ajudam elas no processo produtivo. Questionamos quais são as tarefas exercidas pelos homens e elas comentam que é trazer lenha, instalar o cilindro, ir para a cidade comprar as matérias-primas que precisam, entre outras atividades, mas que eles não colocam a “mão na massa”. A pessoa que respondeu não saber, não produz essa categoria de alimentos para a feira.

Em relação a produção de leite e seus derivados, a realização das atividades pelas mulheres também é maior, porém, estão atreladas ao processo de ordenha das vacas leiteiras. Os homens envolvem-se nestas atividades quando estas são tecnificadas, caso contrário, são as mulheres as responsáveis por tirar o leite e executar as tarefas relacionadas a produção da nata, manteiga, requeijão e iogurte. A tabela 05 aponta quem produz essa classe de alimentos.

Tabela 05: Tabulação cruzada: Quem produz leite e derivados X Gênero

		Gênero		Total
		Feminino	Masculino	
Quem produz leite e derivados	A(o) própria(o)	7	5	12
	A(o) cônjuge	0	2	2
	Não se aplica	19	7	26
Total		26	14	40

Fonte: Trabalho de campo da autora, 2024.

Quanto ao trabalho com as vacas e o leite, a feirante que respondeu ao questionário afirma que o filho mais novo a ajuda: *“Daí agora ele me ajuda. Tipo os tomates, as estufas, todas essas coisas é ele que planta. Ele se vira já. A criação também me ajuda a tratar tudo de manhã, só leite não tira”* (Trabalho de Campo, 2024). Sendo assim, é possível perceber que essas falas se repetem para outras feirantes que trabalham com o leite. Estudos de Schmitz (2014) revelam que a participação dos homens é mais ativa nesta atividade quando ela é mecanizada.

É importante mencionar que a categoria de leite e derivados é vendida em um número menor de bancas na feira, porque, segundo as (os) feirantes que responderam ao questionário, é um produto muito perecível e se levado em grandes quantidades à feira, sobra. Em relação a produção da categoria de carnes e embutidos, percebemos que há também uma predominância de tarefas sendo desenvolvida por mulheres. É comum homens trabalharem mais com o abate de porcos, e, as mulheres se dedicarem ao abate dos frangos. Os dados a respeito da categoria de carnes e embutidos estão apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 06: Tabulação cruzada: Quem produz carnes e embutidos X Gênero

		Gênero		Total
		Feminino	Masculino	
Quem produz carnes e embutidos	A(o) própria(o)	5	2	7
	A(o) cônjuge	2	1	3
	A(o) própria(o) e a(o) cônjuge	0	2	2
	A ou as filhas	1	0	1
	Não se aplica	18	9	27
Total		26	14	40

Fonte: Trabalho de campo da autora, 2024.

Já em relação a quem produz produtos agroindustriais, é possível perceber que o trabalho de realização de doces, geleias, conservas são todos feitos a partir da mão-de-obra das mulheres. Os dois homens que produzem nessa categoria, comercializam mel na feira e se dedicam ao processo de extração do mel e cuidado com as abelhas. Nessa categoria, uma das mulheres feirantes que respondeu ao questionário diz que o companheiro auxilia na produção das conservas colhendo as verduras, higienizando-as e cortando-as para que ela realize o processo de produção. A tabela 07 exemplifica esse contexto.

Tabela 07: Tabulação cruzada: Quem produz outros produtos agroindustriais X Gênero

		Gênero		Total
		Feminino	Masculino	
Quem produz outros produtos agroindustriais	A(o) própria(o)	16	2	18
	A(o) cônjuge	0	5	5
	A(o) própria(o) e a(o) cônjuge	1	0	1
	A ou as filhas	1	1	2
	Filhos e filhas	1	0	1
	Não se aplica	7	6	13
Total		26	14	40

Fonte: Trabalho de campo da autora, 2024.

A mesma situação se aplica na categoria dos artesanatos e produtos de higiene. Das (os) nove feirantes que produzem essa categoria, somente 01 homem comercializa as velas aromáticas que produz. As demais afirmam produzir sozinhas os panos de pratos e toalhas, os laços, sabão, sabonetes, etc., conforme demonstramos na tabela a seguir:

Tabela 08: Tabulação cruzada: Quem produz artesanatos e outros produtos de higiene X Gênero

		Gênero		Total
		Feminino	Masculino	
Quem produz artesanatos e outros produtos de higiene	A (o) própria (o)	6	1	7
	Filhos e filhas	1	0	1
	Outro parente. Indique	1	0	1
	Não se aplica	18	13	31
Total		26	14	40

Fonte: Trabalho de campo da autora, 2024.

Em relação a produção para consumo imediato, seguimos o mesmo princípio das tabelas anteriores. As mulheres se dedicam à produção de bolos, cucas, tortas, salgados fritos, pastel, espetinho, entre outros produtos de consumo imediato. Das(os) sete feirantes que responderam ao questionário afirmam que produzem essa categoria de alimentos, 5 são mulheres, enquanto apenas um homem afirma produzir sozinho os pasteis que comercializa na feira.

Tabela 09: Tabulação cruzada: Quem produz produtos de consumo imediato X Gênero

		Gênero		Total
		Feminino	Masculino	
Quem produz produtos de consumo imediato	A(o) própria(o)	5	1	6
	Outro parente.	1	0	1
	Não se aplica	20	13	33
Total		26	14	40

Fonte: Trabalho de campo da autora, 2024.

Como observado nas tabelas sistematizadas, as mulheres são as principais responsáveis no processo de produção e comercialização dos produtos da feira. Elas se desdobram para conseguir conciliar as atividades da feira (tanto a produção como a comercialização), os trabalhos domésticos e de cuidado.

Essas funções exercidas por mulheres e homens, demonstram a nítida divisão sexual do trabalho imposta socialmente e presente no cerne das feiras livres dos municípios estudados. No resultado dos questionários quantitativos, podemos perceber que a feira é uma construção, majoritariamente, das mulheres. Os homens, por sua vez, continuam a não participar nas tarefas domésticas e de cuidado com a família, nem nas atividades produtivas que são desenvolvidas na cozinha. Já as mulheres, assumem tarefas da esfera produtiva, mas acumulam a jornada de trabalho da esfera reprodutiva.

Sendo assim, entendemos que o trabalho das mulheres nas feiras livres de União da Vitória-PR e Porto União-SC, de certa forma, subverte a lógica patriarcal capitalista que destina às mulheres o trabalho de ajuda aos homens, pois são elas as responsáveis pelo processo de produção e comercialização dos produtos nas feiras livres. Porém, apesar do protagonismo aparente das mulheres, é possível observar, que nas feiras, assim como nos demais âmbitos da

sociedade, as relações desiguais de gênero ainda estão muito ancoradas nos discursos, na posse da terra e dos corpos das mulheres e no controle da produção e da vida das mulheres.

Considerações finais

A partir das atividades de campo, com as visitas e aplicação dos questionários realizadas nas feiras livres em União da Vitória-PR e Porto União-SC, é possível observar que as questões relacionadas à divisão sexual do trabalho são muito marcantes.

Neste trabalho, as considerações se deram a partir da observação e intervenção na feira, com a pesquisa quantitativa que tem sido desenvolvida para a realização da dissertação de mestrado.

A partir dessa pesquisa, é possível concluir que ser mulher feirante, especialmente camponesa, implica em precisar dar conta de várias jornadas de trabalho, sobretudo aqueles relacionados à esfera do trabalho doméstico e do trabalho de cuidado, além da produção dos produtos destinados à feira e sua comercialização.

As feiras são, portanto, reflexo da construção social em que estamos inseridas e inseridos. Costa (20123) afirma que:

Na perspectiva de apontar as outras relações de poder estabelecidas na produção do espaço é que acreditamos ser importante o estudo das relações de gênero pela ciência geográfica, com objetivo de colocar no centro da produção espacial as relações de exploração e submissão resultantes de uma relação de gênero em que patriarcado estabelece uma prática sócio-espacial que ainda segrega milhares de mulheres em todo o mundo (Costa, 2013, p. 2).

Neste sentido, podemos concluir que apesar das mulheres camponesas feirantes estarem inseridas neste contexto de opressão capitalista e patriarcal, elas subvertem a lógica ao realizarem atividades na esfera produtiva. Além disso, são as idealizadoras e responsáveis por grande parte do processo produtivo e de comercialização das feiras. São as mulheres também, as responsáveis pela grande diversidade dos produtos comercializados nas feiras, pois são elas que produzem artesanatos, geleias, conservas e as mais variadas massas, pois esse trabalho é considerado, feminino. Em contrapartida, é possível observar que há mais participação dos homens na horta, no cultivo das frutas e no cuidado com os animais.

Essas relações desenham a estrutura das feiras livres em União da Vitória-PR e Porto União-SC, que são lócus da reprodução social das relações de gênero discrepantes e que subalternizam e sobrecarregam mulheres.

Referências

- BRACIAK, Ana Maria. **Mulheres camponesas feirantes**: uma abordagem do trabalho das mulheres na produção agrícola e comercialização nas Feiras Livres em União da Vitória-PR e Porto União-SC. (Trabalho Final de Estágio Supervisionado). Universidade Estadual do Paraná, União da Vitória, 2018.
- CARVALHAL, Terezinha Brumatti. A territorialização do trabalho domiciliar das mulheres. **Revista Pegada**, v. 22, n. 1, p. 5, 2021.
- CARVALHAL, Terezinha Brumatti. **Gênero e classe nos Sindicatos**. Presidente Prudente: Edições Centelha, 2004. 144 p.
- CARVALHAL, Terezinha Brumatti. Gestão territorial do capital através do trabalho domiciliar das mulheres. **Revista Produção acadêmica**, v. 7, n. 1, p. 117-141, 2021.
- COSTA, Carmem Lúcia. Geografia, Gênero, trabalho e vida cotidiana: algumas reflexões sobre as trabalhadoras da educação em Goiás. In: **Anais FAZENDO GÊNERO 10**, desafios atuais dos feminismos, 10. 2013, Florianópolis. Florianópolis, 2013. 9 pgs.
- FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário** Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.
- GARCIA, M. F. O segundo sexo do comércio: camponesas e negócio no Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 7, n. 19. Rio de Janeiro: Anpocs, 1992. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_19/rbcs19_08.htm
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf> Acesso em: 28 mar. 2024.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE**. 2022. Cidades e Estados. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/uniao-da-vitoria.html> Acesso em: 14 de junho de 2024.
- MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. v. 1, t. 1.
- PAULILO, Maria Ignês Silveira. O peso do trabalho leve. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro - RJ, v. 5, n.28, p. 64-70, 1987.
- PAULILO, Maria Ignês Silveira. Trabalho doméstico: reflexões a partir de Polanyi e Arendt. **Serviço Social em Revista (Online)**, Londrina-PR, v. 8, n. 1, 2005.
- PRATA, Sharlene Souza. Relações sociais de gênero e divisão sexual do trabalho: um estudo da informalidade na feira das trocas em Aracaju. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 15,

n. 49, p. 01-13, mar. 2014. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/> Acesso em: 11 jun. 2024.

ROTTA, Flávia Schena. Histórias, memórias e lutas: Uma abordagem a partir da questão de gênero que atravessa as trajetórias e vida das mulheres feirantes da Associação Semeadoras do Contestado de Porto União/Santa Catarina. **Trabalho Final de conclusão de curso** (Pós Graduação). Universidade Estadual do Paraná, União da Vitória, 2023.

SATO, Leny. **Feira livre: organização, trabalho e sociabilidade**. Ed.: Edusp. São Paulo, 2012.

SCHMITZ, Aline Motter; SANTOS, Roseli Alves dos, **A divisão sexual do trabalho na agricultura familiar**. Fazendo gênero 10 desafios atuais dos feministas, 2013. Disponível em: www.fg.2013.wwc.2017.eventos.bype.com.br Acesso em: 14 de abril de 2024.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Vol. 20, nº 2. Porto Alegre-RS, jul/dez. 1995.

UNIÃO DA VITÓRIA. **Lei Nº 1280 de 17 de novembro de 1983**. Ementa: Dispõe sobre regulamento da feira livre. Câmara Municipal, [1983]. Disponível em: l1nq.com/uniaodavitorialei12801983. Acesso em: 06 jan. 2024.

Recebido em 14/01/25 aprovado em 02/04/25